

## Apresentação

Um surto de novo coronavírus (COVID-19), iniciado em Wuhan, na China, em dezembro de 2019, se espalhou rapidamente ao redor do mundo, com aumento explosivo de casos em vários países, atingindo mais de um milhão de casos diagnosticados e mais de 60 mil óbitos no mundo de dezembro até final de março.

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou a epidemia do coronavírus como uma pandemia. Verificou-se que as estratégias adotadas para conter a proliferação da doença já não seriam suficientes. Para controlar a transmissão da doença, medidas de saúde pública, incluindo o diagnóstico oportuno, o isolamento dos casos e a quarentena nas comunidades devem ser implementados nos países.

Para evitar a sobrecarga dos sistemas de saúde e retardar a disseminação do coronavírus, vários países implementaram ou estão implementando medidas de restrição social, que vão do fechamento de escolas e estabelecimentos comerciais às quarentenas nacionais. As primeiras medidas foram adotadas na China, onde cidades inteiras foram efetivamente colocadas em quarentena em massa. Atualmente, mais de um terço da população do mundo está sob alguma forma de restrição para evitar a aglomeração de pessoas.

A chegada da pandemia provocada pelo coronavírus no Brasil, em fevereiro, levou, igualmente, a uma série de iniciativas e de recomendações para a proteção das pessoas. Desde o aparecimento dos primeiros óbitos pela doença, escolas e comércios não essenciais têm sido fechados, trabalhadores têm sido orientados a desenvolver as atividades em casa, e algumas cidades e estados estão com fronteiras fechadas.

Embora tenha sua eficácia comprovada para a conter a transmissão de doenças, o isolamento social/quarentena geralmente é uma experiência difícil de ser enfrentada. A separação dos entes queridos, a perda de liberdade, a incerteza sobre a doença, e as mudanças nas atividades de rotina podem causar situações de angústia e depressão, gerando problemas à saúde mental. Além disso, mudanças nos estilos de vida e na adoção de hábitos não saudáveis podem provocar danos à saúde das pessoas.

Por sua vez, a orientação de confinamento doméstico para as pessoas que não exercem ocupações essenciais tem impacto importante no contexto socioeconômico, com perdas importantes de rendimento familiar, que tendem a acometer em maior intensidade os indivíduos com precariedade das condições de vida, agravando as desigualdades sociais e de saúde. Estudos anteriores mostram aumento da mortalidade infantil e da violência em situações de crise econômica. Os problemas no estado de ânimo dos indivíduos, agravados pelas incertezas do cenário econômico e as possibilidades de perder o emprego e os rendimentos, podem ter, igualmente, impactos relevantes, não só no nível individual, mas também no nível coletivo.

Sendo assim, a adoção bem-sucedida da quarentena como medida de saúde pública demanda que sejam reduzidos, tanto quanto possível, os efeitos negativos associados ao isolamento social. O presente estudo da Fundação Oswaldo Cruz, realizado em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais, e a Universidade Estadual de Campinas, tem a finalidade de descrever as mudanças no estilo de vida, nas atividades de rotina, na situação de trabalho, e nos cuidados à saúde que podem ter afetado a saúde da população brasileira.